



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, INFÂNCIA E CRIANÇA: UMA DISCUSSÃO ACERCA
DE UMA EXPERIÊNCIA NA ONG SONHAR ACORDADO**

ACADÊMICA: CAROLINA PIMENTA PINHEIRO

FLORIANÓPOLIS
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, INFÂNCIA E CRIANÇA: UMA DISCUSSÃO ACERCA DE
UMA EXPERIÊNCIA NA ONG SONHAR ACORDADO**

CAROLINA PIMENTA PINHEIRO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pedagogia, do Centro de Ciências
da Educação da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito para a
obtenção do título de Licenciada em
Pedagogia.**

Orientadora: Profa. Patrícia de Moraes Lima
Coorientador: Prof. Gustavo Tanus Martins

Florianópolis
Novembro/2018

Profa. Dra. Patrícia de Moraes Lima – Orientadora UFSC

Doutorando PPGE/UFSC – Gustavo Tanus Martins – Coorientação

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alexandre Toaldo Bello – UFSC

Doutoranda PPGE/UFSC – Deborah Esther Grajzer

Doutoranda- PPGE/UFSC (Membro Suplente) – Jacira Carla Bosquetti Muniz

Florianópolis
Novembro/2018

Dedico a minha querida família e aos meus pais, que deram a mim e ao meu irmão, raízes e asas:

*“Seus filhos não são seus.
São os filhos e as filhas do desejo da Vida por si mesma.
Chegam por meio de vocês, mas não de vocês,
Embora estejam com vocês, não lhes pertencem.
Podem dar-lhes o amor, mas não os pensamentos,
Pois eles têm pensamentos próprios.
Podem abrigar-lhes o corpo, mas a alma, não,
Pois a alma deles mora na casa do amanhã, a qual não lhes é
possível visitar, nem sequer em sonhos (...).”*

Khalil Gibran

SEMENTE DO AMANHÃ

Gonzaguinha

Ontem um menino que brincava me falou
que hoje é semente do amanhã...

Para não ter medo que este tempo vai passar...

Não se desespere não, nem pare de sonhar

Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs...

Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar!

Fé na vida, Fé no homem, fé no que virá!

Nós podemos tudo,

Nós podemos mais

Vamos lá fazer o que será

AGRADECIMENTOS

Tudo o que somos, não somos sozinhos. A caminhada até aqui foi marcada por muitos desafios e surpresas, mas o agradecimento maior a tudo aquilo que me aconteceu vai para os encontros.

Agradeço ao Universo que, no seu infinito amor, me fez chegar neste mundo no interior de uma família que sempre me incentivou a seguir e buscar meus sonhos, independente das consequências. Se não fosse por eles, não estaria agora vivenciando este momento de formação acadêmica – e tantos outros pelos quais sou eternamente grata.

Agradeço aos meus mestres do curso de Pedagogia - professoras e professores que me inspiraram e me fizeram expandir o olhar sobre muitas questões que me eram desconhecidas e/ou entendidas de outra maneira. Há sempre outra maneira.

A estes mestres, agradeço especialmente à minha orientadora, Patrícia Lima, que desde o primeiro encontro me fez sentir acolhida com seu olhar atento e carinhoso, e que me encantou com sua maneira de ser e viver a academia, como professora e como inspiração de ser humano.

Ao Gustavo Tanus, meu querido coorientador e, antes de tudo, amigo tão especial, que me abriu horizontes não só na Universidade, mas na vida. Me ajudou a confiar num modo de escrever e ser sensível, ao que afeta e toca.

Agradeço às minhas parceiras da graduação – que são minha família de coração – pelas palhaçadas e momentos de descontração que ajudaram a viver tantos momentos, especialmente este do final – final que abre portas para um novo começo.

Um agradecimento especial ao meu querido amigo Marcelo Bardella e querida amiga Iane Calixto, coordenadores do Programa Contando Sonhos em Campinas – se não fosse pelo convite deles para que eu participasse do Programa como voluntária, certamente eu não teria vivido uma das experiências mais ricas da minha vida, que inspirou este Trabalho de Conclusão de Curso. Eles são dois seres humanos iluminados, espalham muito amor por onde passam.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à banca que compõe este trabalho, por aceitar o convite de pensar junto comigo e meus orientadores e ajudar-nos a ampliar nossos olhares e perspectivas acerca do mesmo.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso reflete sobre a educação não-formal com crianças, buscando entender como a mesma pode ser significativa à formação humana. O foco da pesquisa está em problematizar o espaço de educação não-formal através da experiência por mim vivida na Organização Não Governamental - ONG Sonhar Acordado Campinas, especialmente no Programa Contando Sonhos, e de que maneira essa experiência constitui a formação e autoformação, pensando na educação numa perspectiva humanizadora e de transformação social. Uma das bases conceituais para essa pesquisa foi a teoria de Carlos Rodrigues Brandão e de Paulo Freire a respeito da educação não-formal. Nessa trajetória de pesquisa evidenciou-se a importância do reconhecimento dos espaços de educação não-formal com crianças como constituintes da formação e autoformação dos sujeitos, bem como a necessidade de registros e discussão acerca dos conceitos de infância e criança nesses espaços de educação não-formal.

Palavras-chave: Educação Não-Formal, Infância, Criança, Formação e Autoformação.

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 ME VOLUNTARIANDO A SONHAR ACORDADA	11
1.2 HISTÓRICO DA ONG SONHAR ACORDADO	14
1.2.1 O Programa Contando Sonhos da ONG Sonhar Acordado	16
1.2.2 Metodologia do Programa Contando Sonhos da ONG Sonhar Acordado.....	17
2. REVISITANDO OS CONCEITOS DE INFÂNCIA E CRIANÇA	20
2.1 INFÂNCIA COMO TEMPORALIDADE	20
2.2 SUJEITOS INFANTIS: AS CRIANÇAS.....	22
3. FORMAÇÃO, AUTOFORMAÇÃO E CONTEXTO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO.....	27
3.1 O QUE É FORMAÇÃO HUMANA?	27
3.2 AUTOFORMAÇÃO.....	30
3.3 CONTEXTO NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO COM CRIANÇAS	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

Dou início a este texto com uma breve apresentação acerca da minha trajetória escolar e acadêmica. Cursei colégios particulares durante toda a minha vida escolar na cidade de Campinas/SP. Lá nasci, cresci e fiquei até os meus dezenove anos de idade. Por um longo e significativo período da minha vida, dos quinze aos dezoito anos, trabalhei como voluntária em uma ONG chamada “Sonhar Acordado”. Lá tive a oportunidade de conhecer muitas professoras e professores que me inspiraram a seguir o caminho da docência. O objetivo principal dessa ONG continua sendo a formação social de jovens líderes através de vivências e atividades que envolvam valores sociais com crianças em situação de vulnerabilidade social, de diversas instituições e creches na cidade de Campinas.

A ONG Sonhar Acordado é um espaço de educação não-formal, educação esta que, segundo Brandão (2005, p.26), “aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender”. Este espaço me acolheu e deu um novo sentido para a minha vida: estando ali dentro, atenta, participando, me envolvendo, percebi o quanto esses espaços devem ser valorizados em sua inteireza.

Aos dezenove anos de idade mudei-me para Florianópolis, e aqui iniciei minha graduação no curso de Pedagogia, chegando agora ao fim. Foram anos de muito aprendizado, descobertas e (re)descobertas. O final do curso levou-me a pensar em como cheguei até ele. Resolvi, então, discutir no meu trabalho de conclusão de curso questões acerca da educação não-formal, infância, criança, formação e autoformação, o que me conduziu até o seguinte foco/problema de pesquisa: Como minha experiência pessoal na ONG (espaço de educação não-formal) pode ser potente para pensar a criança, a infância, a formação e a autoformação no curso de Pedagogia?

A partir dessa questão central, o presente trabalho discutirá os temas: Educação Não-Formal, Criança, Infância e Autoformação através de uma experiência por mim vivida na ONG, pensando a educação, segundo Larrosa (2002), a partir do par experiência/sentido. A educação não-formal refere-se a uma educação cidadã, participativa e emancipatória; Segundo Freire (2014, p.96), “A educação, como experiência especificamente humana, é uma forma de intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento”.

A partir da educação não-formal com crianças, serão discutidas questões da infância enquanto categoria social:

O entendimento da infância enquanto categoria presente e permanente na estrutura social afirma que as crianças, enquanto grupo, possuem uma identidade comum, ou seja, a infância constitui uma forma estrutural particular, definida não pelas características individuais das crianças, mas por suas demandas comuns. A partir da concepção de infância enquanto forma estrutural, é possível compará-la a outras formas de estratificação social. Portanto, a afirmação da infância enquanto categoria estrutural permite identificar as características comuns às crianças. (DIAS, 2012, p. 70).

Segundo Pinto e Sarmiento (2013), as crianças sempre existiram e a infância, para os autores, é entendida como construção social – a propósito da qual se construiu um conjunto de representações sociais e de crenças e para a qual se estruturam dispositivos de socialização e controle que a instituíram como categoria social própria – existe desde os séculos XVII e XVIII.

O objetivo geral dessa pesquisa é problematizar a educação não-formal com crianças, juntamente a questões da infância, através da experiência por mim vivida no interior da ONG Sonhar Acordado. De que forma a educação não-formal pode ser significativa à formação humana, principalmente no que diz respeito a infância?

Já os objetivos específicos da pesquisa são: apresentar um memorial a partir do meu encontro com a ONG, pensando como essa parte da minha história pode interessar à Pedagogia, contextualizar um panorama de como se estrutura a ONG Sonhar Acordado (histórico da mesma) e, com isso, os conceitos de formação e autoformação.

A pesquisa constitui-se de uma investigação de abordagem qualitativa. Segundo Severino (2015), são diversas as metodologias de pesquisa que podem adotar uma abordagem qualitativa, modo de dizer que faz referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que segundo Minayo (2014), aplica-se ao estudo das histórias, das relações, das representações, das crenças, das percepções e opiniões dos sujeitos. Ainda segundo esta autora, “[...] as abordagens qualitativas são adequadas a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análise de discursos e documentos” (MINAYO, 2014, p.57), exatamente como no caso desta pesquisa.

Pope e Mays (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa é frequentemente definida por referência à quantitativa, pois seus métodos são vistos como a antítese dos quanti ou estatísticos, mas acreditam que, mais do que isso, a pesquisa qualitativa não aceita simplesmente os números, conceitos ou explicações, mas questiona e investiga a natureza dos fenômenos, principalmente os sociais. Afirmam ainda que em vez de as abordagens quantitativas e qualitativas serem vistas como opostos metodológicos, cada uma pode ser vista como complementar à outra.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Stake (2011, p.68) afirma que:

Um pesquisador qualitativo tenta relatar algumas experiências situacionais, geralmente não em grande quantidade... seleciona as atividades e contextos que oferecem possibilidade de compreender uma parte interessante sobre como as coisas funcionam.

Neste trabalho usarei a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental como ferramentas para discussão. Segundo Severino (2015), a pesquisa bibliográfica realiza-se a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Já a pesquisa documental abrange documentos como por exemplo o documento legal sobre a ONG onde se realiza a pesquisa.

1.1 ME VOLUNTARIANDO A SONHAR ACORDADA

O que faz meu coração pulsar? Qual penso ser o meu propósito de vida?

Foi através dessas perguntas que cheguei onde cheguei e, hoje, estou onde estou. A folha em branco prestes a ser preenchida me faz lembrar do tanto que vivi, experienciei, sonhei, imaginei, acreditei e lutei. Segundo Larrosa (2002, p.21) “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Há muito o que escrever. Há de se escrever sobre o tempo que me tocou viver, o tempo que me tocou pensar, o tempo que me tocou escrever.

Tudo começou na cidade de Campinas, interior de São Paulo, aos meus 15 anos de idade. Eu ouvia de familiares e amigos o quanto estar com crianças fazia-me feliz; de alguma forma, acho que tenho em mim uma criança que vive, pulsa, anseia, sonha. Esse

desejo de ouvi-las e acolhê-las cresceu comigo: algo ali dentro precisava ser visto... E foi questão de tempo: “(...) é ele, o tempo, que nos oferece a dimensão de continuidade, de durabilidade, de construção de sentidos para a vida, seja ela pessoal ou coletiva. Mas é também o tempo que irrompe e, em um instante, desvenda outros caminhos, desloca, desvia, flexiona outros modos de ser, ver e fazer” (BARBOSA, 2013, p.215).

Durante o período na escola, no primeiro colegial, fui apresentada à ONG Sonhar Acordado. Os voluntários ali presentes precisavam de mais voluntários, precisavam de mais e mais gente, que sonhasse em construir uma nova sociedade: um lugar de acolhimento, igualdade, respeito, solidariedade, responsabilidade social, sensibilidade, escuta, olhar, atenção e realização de sonhos. Essa mudança, diziam eles, acontecia primeiro dentro de cada um; no desejo de viver em uma sociedade melhor. E como isso seria possível? Eu me questionava e a resposta veio. Pequenas ações, em pequenos lugares, com sujeitos de pouca idade, culminariam em uma transformação grandiosa, linda de ver e de viver, mas não poderíamos querer aquilo da noite para o dia, era necessário o trabalho em equipe, a luta e o esforço conjunto para que essas pequenas ações mobilizassem uma grande mudança.

Atentamente eu ouvia, olhava, sentia e ali descobri o quanto eu gostaria de ver essa sociedade se concretizar, fazer parte dela e, mais ainda, ajudar a construí-la. Foi, então, aos 15 anos, que entrei como voluntária nessa ONG que me transformou, a mim e a minha vida. Mal sabia eu que essa experiência mudaria os rumos da minha vida, pois fui aprendendo a conhecer as crianças e, principalmente, me experenciar a estar junto delas e de suas infâncias.

No interior desta vivência que aconteceu até os meus 18 anos de idade, pude conhecer muitas professoras, as quais ajudavam a pensar as atividades e, assim como eu, tinham esse desejo de ouvir o que as crianças tinham para dizer, bem como acolhê-las em suas diferenças, singularidades, especificidades e necessidades. Elas já sabiam, e me ensinaram que as crianças, assim como nós, são sujeitos de direitos. Isso deveria ser levado muito a sério. Segundo Richter e Barbosa (2011), a constituição de olhares específicos sobre a infância, suas necessidades de proteção, igualdade, liberdade e participação são narrativas do reconhecimento de que as crianças, desde bem pequenas, exigem respeito e que também são seres humanos com direitos como os adultos.

Ser criança, para muitos, é sinônimo de felicidade, fantasia, inocência, curiosidade e invenção. É a fase das descobertas, onde a única preocupação que se deve ter é com o compromisso de brincar e ser feliz. A compreensão atual de infância, dada por uma longa

revolução cultural e histórica é, sem dúvidas, muito recente: hoje, a infância é concebida como um período fundamental do desenvolvimento humano, no qual a criança é vista como um ser social que possui características e necessidades próprias.

Como resgatar o encantamento de um mundo que foi desencantado pela racionalidade formalizadora a qual abriu caminho para a neutralização do real e a dessacralização da vida? A criança não se constitui no amanhã: ela é hoje, no seu presente, um ser que participa da construção da história e da cultura do seu tempo. Como num sonho, a criança recupera as coisas e sempre está atenta para formular um outro sentido para a vida real. (ANTÔNIO E TAVARES, 2017, p. 65 *apud* JOBIM e SOUZA, 2017, p.65).

Através da cultura, das brincadeiras, dos seus distintos modos de ser e estar no mundo e da educação no sentido amplo da palavra que as crianças podem viver e experimentar a infância.

A Organização Não Governamental “Sonhar Acordado” é um espaço de educação não-formal; foi assim, nessa experiência – o que me passou, me aconteceu, me tocou (LARROSA, 2002) – com jovens voluntários, professoras voluntárias e crianças que eu descobri pelo que meu coração pulsava: educação. Era assim que eu ajudaria a construir uma nova sociedade para os adultos e, principalmente, para as crianças: esses seres humanos de pouca idade que estavam chegando no mundo e tanto tinham para aprender e ensinar.

A escolha do curso de Pedagogia veio junto com medo e insegurança, mas, para além disso, veio junto com uma esperança gigantesca de transformar e (re) significar a minha vida. Além da escolha pelo curso, escolhi, também, sair de Campinas e aventurar-me na famosa “Ilha da Magia”. Sabe aquela história do coração pulsante? O meu coração acelerava quando eu estava lá. E era para lá que ele me conduzia. Deixar tudo o que eu conhecia para mergulhar em um oceano de incertezas não foi das decisões mais fáceis, mas foi ela que me fez olhar o mundo e as relações sob uma nova perspectiva: eu tinha coragem! Eu era capaz! E eu estaria para sempre ligada às pessoas amadas, mesmo que não fisicamente. Tudo passou a ser mais profundo, mais intenso, mais significativo. Minha vida ganhou um novo sentido!

Hoje, prestes a me formar como Professora pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), olho para trás e vejo o quanto caminhei, o quanto ainda tenho para caminhar e o quanto agradeço pelos encontros. “Encontro” aqui não se refere apenas ao

vocábulo que está descrito no Dicionário Aurélio – aquilo que remete a um posicionamento face a face com uma pessoa ou coisa, ou a uma colisão de dois corpos –, mas como dito por Mendes, Pezzato e Sacardo (2016, p.1738):

[...] o encontro equivale ao momento vital para a formação e criação de qualquer coisa ou evento: é do encontro de dois átomos que surge a matéria; do encontro entre gestores, profissionais e usuários que surge a ação em saúde; do encontro dos setores sociais que surgem os projetos Intersetoriais; do encontro entre sujeitos com o território onde constroem seus processos de territorialidade. Todo “bom encontro” com outros corpos, parafraseando Deleuze em sua leitura de Espinosa, provoca a geração de potência [...]

Afetar e deixar-se afetar é das importantes lições que aprendi; é assim que espero continuar minha jornada enquanto professora e eterna aprendiz da vida.

1.2 HISTÓRICO DA ONG SONHAR ACORDADO

Aqueles que passam por nós não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

(Antoine de Saint-Exupéry)

A Organização não governamental Sonhar Acordado nasceu em 1998, no México. Com o objetivo de não só dar visibilidade como, de alguma maneira, interferir para mudar uma sociedade ameaçada pelas mais diversas injustiças e desigualdades, um grupo de jovens da cidade de Monterrey se uniu para pensar em como poderiam ajudar e impactar de forma positiva a vida dessas pessoas, especialmente da infância mais vulnerável.

Este trabalho iniciado no México, visando *despertar* jovens voluntários para a importância de uma intervenção com o foco na conscientização de questões como a responsabilidade social, com o desejo e esperança de transformação social, logo se difundiu pelo mundo e em 2000, chegou no Brasil. De forma oficial, o Sonhar Acordado alcançou a cidade de Curitiba em maio de 2001, sob a razão social: Associação Sonhos de Criança. Em 2010 a ONG foi reconhecida pelo Governo Federal como uma instituição de Utilidade Pública Federal. Esta declaração firmou a ONG no Brasil, a qual continua a expandir seus ideais através de ações que tenham impacto positivo na sociedade.

De forma estatística, são 8 Estados, mais de 5.000 voluntários e 4.500 crianças atendidas no Brasil; no mundo, a ONG está presente em 13 países, contando com mais de 20.000 voluntários e atendendo 40.000 crianças¹.

Há variações de como os programas contínuos da ONG são realizados em cada cidade, mas o objetivo é o mesmo: a formação de jovens líderes através de vivências e atividades que envolvam valores sociais com crianças nomeadas como carentes de diversas instituições e creches, visando a transformação social. Estes programas são realizados mensalmente, tendo um valor humano como norte para o desenvolvimento do trabalho, como por exemplo: solidariedade, justiça, liberdade, dignidade, sinceridade, responsabilidade, honestidade, entre outros.

Os valores trabalhados nos semestres são anteriormente discutidos com os voluntários num processo de formação, o qual ocorre meses antes das atividades. Neste processo, são expostas ideias acerca dos valores e os voluntários podem discutir entre si a respeito de como cada qual é visto em nossa sociedade, bem como o jeito que gostariam que fossem entendidos e vistos pelas pessoas na realidade em que estão.

Apesar desta organização ser de inspiração católica, tendo seus princípios ancorados nos valores cristãos, o Sonhar Acordado atua por meio de atividades intencionalmente pensadas e discutidas pautadas por tais valores, sem induzir as crianças à religião, mas sim com o objetivo de *despertar* consciência social, levando a uma verdadeira transformação da sociedade dada por meio das ações dos próprios sujeitos, tanto dos adultos como das crianças.

Os programas contínuos realizados na ONG no Brasil são intitulados: Amigos para Sempre, Sonhando Juntos, Preparando para o Futuro e Contando Sonhos. Cada programa tem um foco específico direcionado para o grupo de crianças e adolescentes participantes.

O programa Amigos para Sempre possui em sua essência o desejo de criar laços de amizade entre voluntários e crianças através de atividades que estimulem o aprendizado do valor humano trabalhado no mês.

O programa Sonhando Juntos é direcionado a crianças e adolescentes com síndromes, deficiências físicas, doenças crônico-degenerativas ou em fase terminal,

¹ Esses dados são referentes ao ano de 2017, encontrados no endereço: <http://www.sonharacordado.org.br/quem-somos>.

propiciando vivências que alegrem e tragam esperança para todos os envolvidos, podendo ser denominadas como “Cuidados Paliativos”, que centram na qualidade de vida dos sujeitos e não na quantidade da mesma.

O programa Preparando para o Futuro tem como foco o desenvolvimento de valores, autoestima e confiança através da orientação com adolescentes em situação de vulnerabilidade social, estimulando-os a serem agentes de transformação social.

1.2.1 O Programa Contando Sonhos da ONG Sonhar Acordado

*Toda criança tem algo a dizer
Toda criança merece ser ouvida.*

(Manual de Implementação – Programa Contando Sonhos)

O programa Contando Sonhos, através da arte de contar histórias, realiza-se com a intenção principal das crianças e adolescentes descobrirem o poder de sua própria voz, entendendo que suas opiniões são importantes e devem ser ouvidas.

É sobre este último programa em especial, Contando Sonhos, que baseio minha pesquisa, tendo como foco priorizar as narrativas das crianças. Inspirado no programa Script-to-Stage da The Young Storytellers Foundation², o Contando Sonhos possui em seu documento os princípios norteadores como: todos nós somos contadores de histórias; não existem ideias erradas; o voluntário não é melhor do que a criança e deve estar ali para ajudá-la a encontrar sua história, sem escrever por ela; todos devem se divertir tendo em vista conduzir as crianças a descobrirem o poder de sua própria voz.

Sob a orientação de um coordenador que é responsável por explicar os conceitos básicos da construção de uma história para os voluntários e as crianças, através de atividades lúdicas, cada voluntário acompanha uma criança individualmente na elaboração de um roteiro que, ao final, será apresentado por atores profissionais em um teatro para o público em geral.

² Programa criado em Los Angeles em 2003, está dentro das diretrizes educacionais do estado da Califórnia e atualmente está presente em mais de 40 escolas dos EUA.

Dentre os auxílios que o programa visa fornecer aos envolvidos, em especial às crianças, destaca-se que as mesmas podem descobrir o poder de sua própria voz, aprendendo que suas opiniões importam e que os outros valorizam o que elas têm a dizer. Além disso, as crianças podem sentir melhoras nas habilidades de comunicação oral e escrita, tomando gosto por ler e escrever.

Este programa tem como público-alvo crianças do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública (crianças em torno de 10 anos de idade). O encantamento pelas atividades lúdicas e o universo do conto de fadas não está dissociado da livre expressão e dos aprendizados no quesito da alfabetização.

A transformação social por meio das ações anteriormente mencionadas - transformação esta que engloba os jovens voluntários e as crianças - foi o ponto de partida para que o trabalho desenvolvido na ONG me encantasse e fosse decisivo como experiência de vida que me proporcionaria, de alguma maneira, ajudar e participar dessa mudança tão almejada no mundo.

Encerro este breve histórico da ONG Sonhar Acordado com alguns depoimentos presentes no Documento Manual de Implementação do Programa Contando Sonhos, de voluntários, crianças, atores e familiares que fizeram parte da ONG neste programa:

“Minha criança me ensinou muito mais do que eu estava pronta para aprender quando escolhi fazer parte do programa.” (J. T., voluntária).

“Pude perceber um mundo de amor e esperança para um mundo melhor e mais humano. Percebi em meu filho o quanto isso despertou sua autoestima e seu interesse de ir em busca de seu sonho.” (G. R. L., mãe).

“Quando lemos as histórias em voz alta, percebemos que há algo que a criança está enfrentando e, às vezes, ao final, vemos que ela conseguiu superá-la” (J. R., ator – EUA).

“Ter alguém valorizando minhas ideias e minha criatividade foi fundamental para que eu conseguisse me expressar.” (M. M., criança participante do programa)

1.2.2 Metodologia do Programa Contando Sonhos da ONG Sonhar Acordado

Cabe lembrar que o Programa Contando Sonhos é organizado através de encontros, os quais acontecem quatro vezes (um final de semana por mês) e têm como finalização o “Big Show”, uma grande apresentação que ocorre num teatro onde as histórias das crianças são interpretadas por atores profissionais. As crianças são as grandes estrelas do show,

sendo uma experiência única em suas vidas. Por alguns minutos, cada uma delas é o centro das atenções de todo o auditório, sendo um momento exclusivo delas: é ressaltada a importância das crianças serem parabenizadas a todo tempo enquanto individuais e enquanto coletivo. Este dia conta com a presença de amigos, famílias, crianças e voluntários.

Os encontros são iniciados pela manhã, e antes das crianças chegarem, acontece uma palestra de formação juntamente à discussão sobre o valor do mês com os voluntários. É dado a eles um panorama de como as atividades serão estruturadas no dia, e logo que as crianças chegam é servido um almoço para todos (voluntários e crianças): é um momento de socialização, troca de experiências e interação entre todos os envolvidos.

Depois do almoço, o dia é dividido em 7 etapas, as quais acontecem nos quatro encontros, assim denominadas:

- 1) Aquecendo: são realizados jogos introdutórios como, por exemplo, “E o vento levou”, com objetivo de integração e desenvolvimento de observação. Cada jogo introdutório possui um objetivo distinto e características próprias que compõe um acumulado de vivências para crianças e voluntários.
- 2) Recapitulando: acontece um resumo do que já foi discutido, onde são ressaltados o que as crianças já sabem sobre contar/escrever histórias.
- 3) Crescendo: é realizada uma explicação do conteúdo teórico da construção de uma história juntamente à explicação e discussão do valor do mês.
- 4) Escrevendo: acontece um momento individual entre criança e voluntário, o qual a história começa a ganhar vida.
- 5) Compartilhando: neste momento acontece uma troca de experiências com todo o grupo.
- 6) Levando para casa: são propostas tarefas, como por exemplo, ler gibis, para os encontros seguintes.
- 7) Encerrando: aqui acontece um jogo de despedida e o jogo denominado “Alongamento da NASA”, o qual foi muito elogiado e aproveitado por inúmeras crianças participantes do programa; o jogo tem o objetivo principal de descontrair e brincar, sendo realizado da seguinte forma: é apresentado como uma atividade especial (e secreta!) desenvolvida pela NASA para quando os astronautas tem muita informação na cabeça e precisam espairar. Uma maneira de descontração e relaxamento para mais coisas legais e divertidas. Basta esticar os braços sobre a

cabeça, contar de 3 a 1 e abaixar gritando e balançando os braços até tocar as mãos no chão.

Em 2014, ano em que participei do programa, Jhonatan, criança pela qual fiquei responsável em ajudar a construir a história, estava muito empolgado em começar. Apesar da timidez e de muitas vezes sentir uma espécie de “preguiça” no processo de construção do enredo, eu e ele formamos uma dupla em que a relação de confiança foi sendo construída aos poucos, atividade pós atividade, através do interesse mútuo em buscar conhecer um ao outro. Percebi o quanto ele falava sobre futebol, e aí estava uma grande pista de como eu poderia começar uma conversa; foi assim, aprendendo sobre futebol e o ouvindo falar, que a história “No Campo Feliz”³ foi ganhando vida.

Conforme conversávamos sobre ideias, personagens e cenários da história, fui observando o quanto ele se colocava dentro dela, mesmo que não acontecesse a verbalização de que essa era a sua intenção. O personagem principal de sua história, Washington, tinha características de ser tímido, sempre deixado para trás, querendo participar e não conseguindo se enturmar no time de futebol. Luis Fabiano, seu melhor amigo, ajuda no entendimento de que ele não precisa ter vergonha de ser como é, ressaltando que todos são diferentes e que juntos, nas diferenças, formavam um time.

A ideia de união, ajudar uns aos outros e de vencer enquanto time, formaram a essência da história que ajudei Jhonatan a escrever, a qual, de alguma forma, ficou gravada não só como palavras soltas no papel, mas como memória que perdura na forma de encarar situações como a de Washington no enredo e de Jhonatan na vida.

³ A história “No Campo Feliz” foi criada/escrita por Jhonatan com a minha ajuda. Esta não se encontra descrita aqui, pois está de posse da criança.

2. REVISITANDO OS CONCEITOS DE INFÂNCIA E CRIANÇA

2.1 INFÂNCIA COMO TEMPORALIDADE

*A infância é quando ainda não é demasiado tarde.
É quando estamos disponíveis para nos surpreendemos,
para nos deixarmos encantar.
Quase tudo se adquire nesse tempo
em que aprendemos
o próprio sentido do tempo.
(Mia Couto)*

Neste capítulo trataremos de pensar e refletir sobre os conceitos: infância, criança e como o tempo está diretamente relacionado com esta relação entre os conceitos anteriormente citados. Infância, criança e educação: palavras soltas, separadas por simples pontuação; unidas, elas têm o poder de transformar e (re)significar este mundo.

O conceito de infância, assim como o de criança, foi se constituindo e ganhando diferentes formas de interpretação, como categoria histórica: a infância teve seu tempo de não valorização, já a criança passou por definições diversas, ela já foi um "adulto em miniatura". Essa definição, presente fortemente nos séculos XVI e XVIII, segundo Rivero (2011), diz respeito à compreensão de que a criança, devido à sua fragilidade/dependência, foi concebida neste período enquanto tal, um pequeno adulto, capaz de promover compaixão. Ariès (2013) também contribui com seus estudos, expondo que naquele período não havia distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, fazendo simplesmente com que as crianças adentrassem na sociedade dos adultos sem nenhum tipo de distinção quanto ao desenvolvimento, por exemplo.

Em cada tempo e espaço histórico, as diferentes concepções sobre estes eixos norteadores da presente reflexão foram sendo construídos, mas, é no presente que se deve enxergar e buscar um olhar atento para com os mesmos: o que significa ser criança hoje? O que significa infância hoje? Como proporcionar à criança, a infância, uma educação significativa e que as desenvolvam integralmente?

A atual conjuntura do capitalismo traz consigo a reflexão sobre a importância do tempo na vida das crianças - seres humanos de pouca idade que estão chegando no mundo - bem como para pensar a realidade das pessoas enquanto sujeitos singulares que fazem parte de um grande coletivo.

Cada integrante desta grande sociedade é marcado por diferenças no que diz respeito a experiências culturais vividas, assim como no quesito social e emocional; o encontro e a construção de uma vida em comum entre os sujeitos podem ser entendidos como marcado pelo tempo. De que forma o tempo constitui-se fundamental para que a infância seja vivida de forma intensa, significativa e rica em sentidos para as crianças?

A experiência da infância torna-se empobrecida se a lógica capitalista da produtividade, aceleração e velocidade predominarem sobre um tempo que não é linear, mas de construção de sentidos, o tempo do processo, o tempo do instante – tempo em que as crianças deixam-se afetar, seja através dos desafios, dos encantos ou das surpresas do caminho.

As novas gerações podem compreender o tempo como um bem precioso, como algo que cada um de nós pode usufruir e usar de modo pessoal. Algo que não pode ser, banalmente, vendido ou comprado, mas sim dividido, compartilhado, usufruído. Aprender a valorizar e a apropriar-se do próprio tempo é oferecer às crianças instrumentos de resistência aos tempos do capital (BARBOSA, 2013, p.218).

Ressignificar o tempo parece ser algo significativo e importante que, em certa medida, podemos aprender com as crianças. Enquanto adultos e, para além desta categoria, enquanto educadores, o fazer-se refletir sobre as práticas – especificamente no que diz respeito ao tempo – faz-se necessário visto que, segundo Barbosa (2013), o mesmo constitui-se como categoria política que diz respeito à vida das crianças, pais e professores. Reconhecer a diferença existente no tempo vivido pelas crianças, torna-se parte fundamental da prática pedagógica.

Construir tempo para estar junto e fazer-se presente, isto é, estar com as crianças, atentos, interessados, tranquilos e solícitos, acompanhando, estando junto, perguntando, inventando com elas. Ser presença e guardar espaço para que a criança se torne presença no mundo. (BARBOSA, 2013, *apud* FOCHI e BIESTA, 2013, p.218).

Entender de forma efetiva que a real importância para a infância é a qualidade do tempo e não a quantidade de afazeres e responsabilidades sem sentido para suas vidas, faz-se necessário para que a experiência da infância, esse tempo da vida de cada um, seja repleto de sentido e de ricas vivências que constituem o início da vida desses seres

humanos, os quais estão no mundo há tão pouco tempo e já têm tanto para ensinar e aprender.

Entender que as crianças têm um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, que subverte o sentido da história, requer que se conheçam as crianças, o que fazem, do que brincam, como inventam, de que falam. Nesta concepção de infância, história e linguagem são dimensões importantes de humanização: há uma história a ser contada porque há uma infância do homem. Se compreendermos as crianças, compreenderemos melhor nossa época, nossa cultura, a barbárie e as possibilidades de transformação (SONIA KRAMER in ANTÔNIO e TAVARES, 2017, p.15).

A busca pela compreensão das crianças, que como dito anteriormente, torna possível a compreensão de tantas outras questões como possibilidades de transformação, se unida à busca pela compreensão da educação como forma de intervenção no mundo, torna possível um outro olhar – diria até esperançoso – para a sociedade enquanto organização que engloba diferentes indivíduos, diferença também temporal: entre aqueles sujeitos que já viraram adultos - sem descartar a criança que habita cada um – e os sujeitos que estão chegando no mundo, as crianças, já cheias de contribuições para este lugar que é de todos nós.

2.2 SUJEITOS INFANTIS: AS CRIANÇAS

Se ouvirmos a criança que temos na alma, os nossos olhos tornarão a brilhar. Se não perdermos o contato com essa criança, não perderemos o contato com a vida (Paulo Coelho).

Por onde anda o olhar que vê em tudo algo novo, a se admirar? Por onde anda a alegria da descoberta, a surpresa das experiências, a curiosidade com o mundo? Por onde andam as vozes de quem tanto têm para ensinar àqueles que já esqueceram da criança que foram um dia?

Tudo que parece morto, palpita. Não apenas as coisas da poesia, estrelas, lua, bosque, flores, mas também um botão brilhando numa poça de lama na rua...Tudo tem uma alma secreta, que guarda silêncio com mais frequência do que fala. O homem não é um espectador através de uma janela, mas penetra na rua. A vista e o ouvido atentos transformam mínimas sensações em grandes vivências. De todas as partes fluem vozes e o mundo inteiro

ressoa. Como um explorador que se aventura por territórios desconhecidos, fazemos nossas descobertas no cotidiano. (KANDINSKY in ANTÔNIO e TAVARES, 2017, p.46).

Segundo Corsaro (2011), as crianças são participantes ativas na construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada, apropriando-se da realidade em que estão e, de forma criativa, reelaborando-a através das brincadeiras para melhor compreendê-la. O imaginário infantil, como afirma Sarmiento (2003), é uma das principais características das formas específicas de relação das crianças com o mundo, o que acontece no contexto social e cultural em que cada qual está e que, de forma intrínseca, proporciona as condições e possibilidades para a formação e desenvolvimento destes seres humanos de pouca idade.

Considerando-se as crianças como sujeitos infantis que estão chegando ao mundo, seres humanos que são agora – no hoje – sem romper com a ideia de que também serão no futuro, a reflexão do tempo, especificamente sobre o presente, faz pensar a infância como tempo de realizar experiências iniciais, vivências que ajudam as crianças a compreender o mundo em que estão, a interagir com ele, a explorá-lo em sua inteireza. É tempo de ser sentido com intensidade, com atenção e sensibilidade.

Como construtoras de cultura, as crianças (re)significam o mundo através de jogos infantis por elas produzidos:

As culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (SARMENTO, 2003, p.4)

A interatividade, assim como a ludicidade, está relacionada à cultura da infância, e o principal meio pelo qual a aprendizagem da criança se dá é a brincadeira – ação que engloba em seu processo esses dois conceitos anteriormente mencionados.

A brincadeira é uma das mais ricas linguagens do homem, sendo uma ferramenta fundamental para o aprendizado e, além disso, uma condição essencial do desenvolvimento, este que, na infância, tem a ver com sua disposição para brincar: a brincadeira é uma atividade específica que se relaciona com as necessidades e impulsos

da criança, a qual têm dentro de si tudo aquilo que lhe é externo, e que se concretiza a partir da ação/ato de brincar, tendo em sua essência a realização de desejos e afetos generalizados.

O imaginário e a imaginação [...] no caso das crianças pequenas, auxiliam na organização do caos do mundo, da desordem e do contato com os mistérios, muitas vezes assustadores, da vida. É no brincar e no corpo que as crianças elaboram – com o auxílio da cultura da infância e do seu amplo repertório – questões ontologicamente humanas, por isso estruturantes (SAURA, 2013, p.5).

A criança tem natureza brincante, e é através desta forma da expressão, que reelaborará criativamente a realidade, expressará seu imaginário (possibilidade de representação do real e de modos próprios de estar no mundo e interagir com ele), expressará aprendizagem, demonstrará sua maneira de pensar a realidade, a usará para elaborar ou vencer dificuldades e, por fim, expressará tudo aquilo que, por vezes, não é capaz de traduzir em palavras. “O grande encontro no brincar, nos momentos de lazer, muitas vezes apontado como “acaso”, “descoberta”, revelam-se como construção e conquista, frustração e experimentação. Formador e estruturante. Deflagrador do movimento, do conhecimento de si e do mundo.” (SAURA, 2013, p.11).

As crianças, enquanto brincam, estabelecem relações e a produção do conhecimento se origina daí, concretizam a ideia de educação, que só acontece no plural: precisa-se do “eu” e do “outro” e estão descobrindo todas as suas potencialidades da consciência. “É no jogo com o outro, neste diálogo premente, na força do ancestral humano, no “fazer junto” que deflagramos o verdadeiro aprendizado corporal infantil” (SAURA, 2013, p.11). Segundo Sarmiento (2003), o “real” para as crianças é efeito da segmentação, transposição e recriação feita no ato de interpretação de acontecimentos e situações. O que torna a vida uma aventura continuamente reinvestida de possibilidade.

O conceito de jogo simbólico trazido por Sarmiento (2003), exprime-se como um processo ativo capaz de intervir na realidade social, realidade esta que é vivida de diversas formas pelas crianças, dependendo do contexto em que cada qual se encontra. É através dessa forma de atuação, que os sujeitos infantis conseguem compreender e dar sentido ao mundo.

As crianças desenvolvem a sua imaginação sistematicamente a partir do que observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo que as situações que imaginam lhes permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada (SARMENTO, 2003, p.14).

Esse “fazer de conta” da criança, criar, inventar, descobrir, recriar, imaginar, são os instantes possíveis que acontecem de maneira processual, permite que a mesma consiga viver sua vida em circunstâncias aceitáveis quando a condição social presente não condiz com os direitos para ela previstos. Também é dessa forma que ela se descobre no mundo e pode estar conhecendo e reconhecendo o mesmo.

Essa capacidade de transposição emocional das situações presentes, permite explicar como o confronto com a dor é vivida frequentemente pelas crianças de modo imaginário, transpondo o sofrimento para o prazer de brincar no mundo que é de faz de conta, mas que é levado totalmente a sério que torna visível uma vida, noutras circunstâncias, tragicamente dominada pela ignomínia, a violência e a opressão (SARMENTO, 2003, p.15).

As crianças, em sua grande maioria, principalmente as crianças as quais frequentavam o programa Contando Sonhos, vivem em um presente de opressão, o que faz-se refletir sobre a extrema complexidade social do mundo, marcada pelas diferenças no que diz respeito às condições de vida da infância que:

(...) não cessam de se intensificar fatores que fazem das crianças o grupo etário onde há mais marcados indicadores de pobreza, como se têm agravado alguns sinais das crianças como o grupo etário mais sujeito a situações específicas de opressão e afetação das condições de vida. (PINTO e SARMENTO, 1997, p.2)

Apesar de “ser criança” possuir inúmeras variantes como família, estratificação social e história, por exemplo, os direitos para elas previstos na Convenção de 1989 denominados “3 P”, direito à proteção, provisão e participação (inerentes) não poderiam, nem deveriam ser variáveis:

O que está em causa na controvérsia sobre a natureza dos direitos das crianças é o juízo sobre a infância como categoria social constituída por atores sociais de pleno direito, ainda que com características específicas, considerando a sua idade, ou, ao invés, como destinatários apenas de cuidados sociais específicos (PINTO, SARMENTO, 1997, p.6)

A existência humana denominada CRIANÇA é capaz de ajudar estudiosos, pesquisadores e governantes a melhor entender as realidades de infância como forma de intervenção na realidade social repleta de injustiças, opressão, penumbras e desigualdades.

O estudo das crianças a partir de si mesmas permite descortinar uma outra realidade social, que é aquela que emerge das interpretações infantis dos respectivos mundos de vida. O olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente. Assim, interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas às próprias estruturas e dinâmicas sociais que são desocultadas no discurso das crianças (PINTO, SARMENTO, 1997, p.8).

As narrativas das crianças, assim como a observação atenta a esses sujeitos enquanto brincam, pode permitir, além da compreensão da infância como categoria social, a abertura para um novo olhar – acredito, mais rico em sensibilidade – a respeito das políticas públicas que organizam a sociedade e que contribuem, em grande medida, para o funcionamento da mesma.

3. FORMAÇÃO, AUTOFORMAÇÃO E CONTEXTO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO

3.1 O QUE É FORMAÇÃO HUMANA?

Formar-se significa dar a si mesmo o direito de escolher trajetórias diante do fecundo universo (...)

Hardt, Moura e Barbosa

Trataremos aqui de localizar os conceitos de formação e autoformação e de que forma eles podem estar associados com aquilo que viemos descrevendo e analisando anteriormente, a saber: local de educação não-formal, criança, infância, tempo. A condição de ser humano implica infinitas possibilidades de ser, fazer e estar no mundo; é processual que cada qual caminhe em direção a desejos, sonhos, aspirações e inquietações que são inerentes à sequência de acontecimentos e vivências próprias dessa trajetória do formar-se, a qual acontece desde que chegamos neste mundo.

O processo educativo-formativo é, por assim dizer, um fazer artístico, estético. Entendida a educação como arte, pressupõe-se que esse projeto de formação humana requer um fazer que não se esgota – necessita de várias gerações – e nem se restringe a formas predeterminadas. (HARDT, MOURA, BARBOSA, 2014, p.90).

As convicções estabelecidas ou formas predeterminadas, por assim dizer, seriam o que há de mais importante a ser quebrado durante o processo de formação dos sujeitos; assim, para trilhar seus próprios caminhos, os seres humanos poderiam ser convidados a concordarem e discordarem, incluírem e excluírem aqueles saberes que lhe são familiares, dando vazão a vivências que incluem a experimentação e tentativa de novos e distintos saberes que os toquem, desafiem e ampliem seus conhecimentos de mundo, de forma a contemplar a promoção desse ser humano que constantemente transforma o meio e é por ele transformado.

A partir dessa perspectiva, Nietzsche nos convida a pensar em um encantamento a quem deseja aprender para além daquilo que já se conhece e, mais ainda, para além de palavras presas ao conceito:

Nietzsche quer nos lembrar do canto, da música, da arte, do desejo, da poesia que seduz a palavra para criar outra cena e outro espaço de expressão da vida. Quer seduzir também aquele que deseja aprender, conhecer, tocar o belo. Subordinar a educação apenas ao conceitual parece ter retirado da experiência a beleza da aprendizagem (HARDT, MOURA e BARBOSA, 2014, p.93).

Este encantamento, maravilhamento, vontade e curiosidade em aprender sobre as inúmeras situações que se apresentam na vida podem ser relacionados a uma educação estética, que, para Nietzsche, nada mais é do que o que o mesmo chama de “dimensão trágica da educação”, assim:

[...] compreende a complexidade da vida, reconhece o sofrimento, a turbulência, o inaudito, mas sabe que ele vem da vida que se mostra em abundância e busca na arte uma expressão dessa energia para ser vivida afirmativamente e não silenciada pelos ajustes e pelas convenções sociais (HARDT, MOURA e BARBOSA, 2014, p.95).

A coragem de escolher o caminho a seguir, mesmo que este implique atravessar as amarras das convenções sociais, faz com que a reflexão acerca da formação humana se amplifique ainda mais, sendo necessária ser discutida nos espaços culturais como forma de intervenção social que impulsiona o desenvolvimento dos seres humanos através dessa interação:

Entende-se esse conceito como um processo de educação mais ampliado, envolvendo não apenas a educação da escola, familiar, moral, mas algo que seja realmente significativo para a vida do ser humano e seu processo complexo de desenvolvimento. Uma formação estaria ligada à ideia de possibilidades para um viver, em que cada um pudesse sentir-se na busca de algo que o tornaria um pouco menos vazio, cada um ao seu modo, mas, ao mesmo tempo, sentindo o prazer de viver, apesar de todas as dores e/ou dificuldades (MARTINS, 2014, p.29-30).

Este desenvolvimento complexo, o qual faz parte do processo formativo, da formação humana, dos sujeitos desde que os mesmos vivem a infância, abre espaço para a criação como forma de buscar novos sentidos, muitas vezes para este próprio desafio que é desenvolver-se e formar-se.

Nesse ponto, surge finalmente a criança, que através de sua inicial abertura ao mundo, pode começar de novo, em um primeiro movimento, um dizer sim para o “jogo do criar”. Dessa forma, ocorre a formação. Através das transmutações do espírito, desenvolve-se o momento formativo de cada um, por meio de escolhas, mudanças, possibilidades, concordâncias e conflitos de ideias, nesse constante processo criativo de formação (MARTINS, 2014, p.42).

Assim como as crianças que chegam ao mundo, o processo formativo para os adultos – também em construção – poderia, por que não, assemelhar-se a ideia proposta por Montaigne, que afirma que “o propósito de uma educação das crianças é uma tentativa de junção da felicidade com a autonomia de pensamento, algo que ele toma como uma arte do bem-viver” (HARDT, MOURA, BARBOSA, 2014, p.101). Por que não?

Compreende-se que a trajetória da formação humana não é linear, e o que na vida é? Não estaríamos nós sendo incoerentes em esperar uma formação sem percalços, desafios, surpresas e experiências, assim como é a vida? Como pode-se separar a formação da vida? Como fazê-la sem significado se, apoiada na própria vida, esta mesma formação ganha uma dimensão rica em sentido, como se é esperado para que o aprendizado realmente aconteça?

[...] aquilo que está na natureza e deseja expandir-se faz acontecer uma forma com plasticidade por meio de um fazer e pensar que insiste em não se adequar. A resistência não implica uma força reativa, mas criativa, capaz de afirmar o quanto é possível o processo de formação humana. Nem sempre é racional, por vezes apresenta uma dimensão trágica. Tal processo não é milagre, não há mágica, há tanto de medida, de devaneio quanto de trabalho, insistência, perseverança e seleção. Seleção de estratégias, de objetivos, de recursos; afinal, o que levar adiante para não desistir. O que excluir para não cegar a ideia e a inspiração (HARDT, 2013, p.775).

A partir do momento que existimos, damos início ao processo de formação. Que este movimento de se formar possa ser sentido, tocado e apreendido pelo sujeito; para tanto, que seja, assim, um processo que culmine em uma formação humana.

3.2 AUTOFORMAÇÃO

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo
(Raul Seixas)*

É próprio do homem a disposição de transformar-se; enquanto vive as dificuldades, as dores, os desafios e também os momentos de alegria e bem-estar compõe uma série de vivências e experiências que ensinam e que “moldam” cada sujeito que se permite viver – arriscando, tentando o novo, errando e aprendendo com cada situação. O processo formativo está em constante deslocamento, e o cuidado e cultivo de si faz parte do modo como cada um internalizará e prosseguirá a sua trajetória formativa:

Afinal, como nos tornamos o que somos? Será preciso ver a si mesmo, reconhecer as escolhas que fez, aquelas impostas, aquelas que nem percebeu que poderia ter feito. Em grande medida nem sabemos quem somos e por isso esbanjamos energia em lugares inadequados. Naufragamos quando nos esquecemos, estreitamo-nos, apequenamo-nos. O ato que nesse ponto surge é aquele que foi impedido de ser cultivado, esqueceu que existia, não buscou a nutrição adequada, mergulhou em clima e lugar inadequados e deixou-se configurar, quando não morrer (HARDT, 2013, p.777-778).

O ajustamento, adequação e conformidade com o que se é familiar e pertence à “zona de conforto” acaba por frear um desenvolvimento humano que acontece pela criação, rompendo barreiras e paradigmas sustentados por uma lógica que não faz sentido e que não toca, apenas passa. Como afirma Martins (2014, p.46) “A busca por si mesmo está imbricada nesse formar e formar-se, bem como nos encontros e desencontros ao longo da vida”, os quais, se sentidos, têm o poder de transformar o sujeito e levá-lo a um outro nível de consciência, estando desperto para novas e infinitas possibilidades no devir. Martins (2014, p.42) também nos ajuda a pensar o processo de autoformação quando afirma que “Através das transmutações, dá-se a criatividade como um fermento da formação, um auxílio no momento formativo de cada um, a fim de que se apreenda, compreenda, crie, forme-se”.

O inventar e o ato de criação como condições essenciais para aprender e ensinar e, assim, desenvolver-se, possibilitam encontros com conhecimentos que tem conexão com a vida, a qual é por cada sujeito sentida e entendida de diferentes maneiras, mas que, em essência, pertence de forma igual a cada um; e é através dela, da vida, que o processo de se formar acontece.

A autoria vem do cultivo de um ofício, do aprender a ver e pensar. Não há milagre, mas aprendizagem. Assim a arte se consolida quando o sensível não se separa do inteligível considerando as múltiplas manobras das mãos e do espírito aprendidas na capacidade de farejar e ruminar as várias faces da vida (HARDT, 2013, p.780).

Sendo através das vivências em vida que o ser humano aprende e se desenvolve, por que não as enriquecer com experiências que façam sentido e tenham conexão com a própria vida? Tanto a vida individual, quanto a vida coletiva? Não seria assim, unindo o inteligível e o sensível, uma maneira marcante de aprendizagem? Que marcas nos inundam e que marcas queremos deixar no mundo?

Mais do que saberes prontos, mecânicos e fragmentados, busca-se aqui refletir sobre àqueles que tocam e ficam, proporcionando uma formação rica em sentido e que deixa marcas para essa e as próximas gerações.

3.3 CONTEXTO NÃO-FORMAL DE EDUCAÇÃO COM CRIANÇAS

*Criança tem mãos pequenas, pés pequenos e orelhas pequenas,
mas nem por isso tem ideias pequenas.*

*Às vezes as ideias das crianças são muito grandes,
divertem os adultos, que escancaram a boca e dizem:*

“Ah!”

(Beatrice Alemagna)

De que maneira a formação e autoformação acontecem nos ambientes não formais de educação? Dentro de uma infância compreendida como tempo do instante, da experiência, da intensidade, de direitos, encontram-se os sujeitos infantis – as crianças – que, se escutadas, nos auxiliam na possibilidade de refletir sobre uma maneira de conhecê-

las para, assim, garantir o direito das mesmas à experiência da infância, a qual acontece na vida de cada sujeito infantil e que permite a vivência de infinitas aprendizagens que culminam no desenvolvimento e formação de cada um.

A escuta atenta, o olhar sensível, o exercício da alteridade e a real intenção de compreender as crianças, fazem parte do processo de aproximação com as mesmas, que tanto tem para nos dizer, tanto tem para nos ensinar, tanto acrescentam na maneira de pensar e ampliar o repertório cultural dos adultos.

Essas experiências em pesquisa com crianças em contextos não-institucionais ajudam-me compreender a importância de conhecermos os contextos onde as crianças vivem, organizam, movimentam suas vidas, para então, falarmos com elas e sobre elas em nossos textos (LIMA, 2015, p.100).

Foi preciso um distanciamento seguido de uma aproximação a uma realidade distinta da minha para que eu pudesse compreender a importância dos espaços de educação não-formal como constituintes da aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos infantis, tanto do espaço em que estive imersa – a ONG Sonhar Acordado – quanto como de muitos outros presentes nas minhas leituras durante a pesquisa. Somente no momento em que pude me distanciar da realidade que vivia, foi que pude perceber o quanto ela realmente pode ser significativa.

Tomar a diferença como algo que constitui os sujeitos infantis e a nós mesmos, sujeitos adultos, torna-se pressuposto para atribuírmos a ideia do heterogêneo como possibilidade essencial para mirar e conhecer a multiplicidade da infância, seus contornos, nuances, traços e linhas. Trata-se aqui de enfatizar que a diferença, ou a ideia de diferir, não precisa ser compreendida como impedimento para as relações entre sujeitos, no caso, crianças e adultos, mas que pode ser essa a condição do possível encontro com o outro (LIMA, 2015, p.98).

Este encontro que marca o início de uma relação com a possibilidade de expansão para ambos os envolvidos, compreendendo interação social, sociabilidade, ampliação de repertório cultural, trocas de experiências e diversificadas vivências que enriquecem o processo de formação e a vida dos sujeitos dar-se-á através do movimento de educação, compreendendo-a, segundo Brandão (2005), como presente em toda existência e espaços:

A educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer. Portanto, é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido de cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando (BRANDÃO, 2005, p.47).

O uso deste espaço é a oportunidade para refletir sobre a ideia de educação não-formal, bem como a importância e relevância da mesma para os sujeitos e, conseqüentemente, para a sociedade como um todo. Para tanto, Brandão ajuda-me a pensar, para além do conceito de educação não-formal, a própria ideia de formação humana, algo para além da educação:

Na espécie humana a educação não continua apenas o trabalho da vida. Ela se instala dentro de um domínio propriamente humano de trocas: de símbolos, de interações, de padrões de cultura e de relações de poder. Mas, a seu modo, ela continua no homem o trabalho da natureza de fazê-lo evoluir, de torná-lo mais humano (BRANDÃO, 2005, p.14).

No interior da ONG Sonhar Acordado, especialmente no programa Contando Sonhos, tive o privilégio de conhecer e ser participante ativa como voluntária em uma parcela no que diz respeito à formação e autoformação das crianças que ali estavam.

Jhonatan, criança pela qual fiquei responsável no processo de elaboração da história, ensinou-me que em seu íntimo haviam ideias, desejos, aspirações, sonhos; mostrou-me, para além disso, que o fato de não saber escrever seu nome ou sequer reconhecer as letras aos 11 anos de idade, não queria dizer que a vontade lhe faltava. Jhonatan, assim como outras crianças envolvidas no programa, construíram junto aos voluntários uma comunidade que discutia, argumentava, refletia e se ajudava em prol de um desenvolvimento e formação (para voluntários e crianças) com o objetivo de humanização em comum.

A educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado. Porque a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida. A vida que transporta de uma espécie para a outra, dentro

da história da natureza, e de uma geração a outra de viventes, dentro da história da espécie, os princípios através dos quais a própria vida aprende e ensina a sobreviver e a evoluir em cada tipo de ser (BRANDÃO, 2005, p.13)

A evolução de cada sujeito, de forma singular, possibilita a evolução do ser humano enquanto coletivo; refletir sobre a importância da educação, formação e autoformação na perspectiva de humanização em cada um é crucial para se pensar em um mundo mais justo, respeitoso, igualitário, crítico e harmonioso.

Vale ressaltar que este mundo almejado compreende a vida, e é nela – na vida – onde tudo existe, inclusive a educação. Segundo Brandão (2005):

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (...) (BRANDÃO, 2005, p.7).

A tentativa de fragmentação de tudo o que existe só torna mais difícil a compreensão do todo que nos cerca e que, de certa forma, somos nós; como separar a vida da educação? Como separar a educação da vida? De que maneira integrar o que foi separado sem razão? Existe razão? Será que os espaços formais de educação acabaram por tentar padronizar o que acontece de diversas formas, compreendendo diversas pessoas, tendo o diverso como centro? A educação não seria e aconteceria também, de forma diversa?

(...) Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante. Em mundos diversos a educação existe diferente. (...) Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram (...) (BRANDÃO, 2005, p.9).

Novamente volto a tratar dos encontros com as crianças do programa, no período em que pude estar com elas: quando duas crianças brincam, por exemplo, estão ali tendo um momento, tendo uma oportunidade de conviver, desenvolver, aprender, interagir e descobrir o mundo de um e do outro. Sendo diferentes, como todos nós somos, essas crianças terão a chance de expandir seus modos de compreensão do mundo, porque com

o outro poderá deparar-se com algo novo. Juntas, essas crianças podem também criar, inventar – algo que era conhecido para cada qual, culmina em uma invenção mútua, algo totalmente original e repleto de significados. Assim são as trocas sociais, momentos que acontecem nos espaços não-formais e que consomem a educação.

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes inculcar – de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (BRANDÃO, 2005, p.10-11).

O mundo social, onde a própria educação habita, é permeado pelas trocas e pelos infinitos modos de ser e estar neste mesmo mundo, modos estes que enriquecem a educação na medida em que ampliam o repertório cultural de aprendizagem dos sujeitos, os quais são seres inacabados e que, enquanto viverem, estarão aprendendo continuamente, seja no espaço que for. A questão é: de que maneira eles aprendem?

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheio de significação (FREIRE, 2014, p. 44-45).

A importância das experiências não formais já é discutida até mesmo dentro da própria escola – espaço formal de educação – espaço este que é responsável prioritariamente pela transmissão dos conhecimentos historicamente sistematizados pela humanidade. Porém, a educação vai muito além da sala de aula e do espaço demarcado pelos muros das escolas, o que nos permite ter um pensamento crítico bem como uma reflexão ampliada do que é a educação e do que a mesma é capaz de proporcionar: a transformação social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permito-me iniciar a escrita das considerações finais com um poema de Jacques Prévert, presente em seu livro “Dia de Folga”:

*Será passatempo?
Escrever é um passatempo?
Sonhar é um passatempo?
Esta página
estava em branco
há poucos segundos
Um minuto
ainda não transcorreu
E agora eis a obra.*

Refletir sobre autoformação foi das importantes lições para a minha melhor compreensão a respeito do conceito de educação não-formal e sua importância. Foi em um espaço de educação não-formal que boa parte da minha formação – pensando na formação numa perspectiva de humanização – aconteceu.

Antes de adentrar a esse espaço da ONG, eu já me formava – também fora da escola –, mas foi preciso sonhar, foi preciso alimentar o desejo de uma sociedade utópica e foi preciso agarrar as oportunidades que me foram apresentadas para que eu fosse tocada pela chama da mudança que pulsava e pulsa em meu peito, e que a todo momento pede para ser ouvida e executada. Segundo Freire (2000, p. 17), “Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes”.

Durante o processo de escrita aponto alguns questionamentos acerca da educação não-formal e da importância da mesma para a formação dos sujeitos que, sendo adultos ou crianças, são seres inacabados e que aprendem, desenvolvem-se e mudam a todo tempo. A necessidade de uma educação que faça sentido é das ferramentas principais para uma vida que é deveras construída em cima dos conhecimentos vivenciados, experienciados e SENTIDOS pelos sujeitos, e que fazem de cada um, seres únicos e especiais à sua maneira.

O processo de autoformação, individual, se enriquecido pelas experiências, tocado pelos aprendizados e gozado por todo o percurso que é o formar-se, acaba por abrir portas para um coletivo que compõe seres dotados de opinião e de vivências próprias, mas que estão também abertos a conhecer e aprender sobre o mundo do outro: eis uma das coisas mais belas que a educação, enquanto troca, pode proporcionar: a ampliação do repertório de conhecimentos da humanidade.

Os conceitos de formação e autoformação discutidos ao longo do texto foram de suma importância para pensar estes mesmos conceitos de forma integrada e com relação a educação não-formal das crianças; levando em conta a formação numa perspectiva de humanização e os espaços não formais de educação com crianças como potentes para o encontro dos sujeitos infantis e também adultos, imersos em sua cultura, é imprescindível dizer que estes espaços reúnem pessoas e distintos tipos de atividades e vivências que proporcionam o viver/fazer que culmina, assim, no saber, seja ele qual for. Onde há relações entre pessoas e intenções de ensinar e aprender, segundo Brandão (2005), há educação.

A formação e autoformação acontecem, assim, tanto para as crianças como para os adultos, em espaços de educação não-formal, pensando, acima de tudo, na educação numa perspectiva humanizadora. Segundo Brandão (2005):

Tudo o que existe disponível e criado em uma cultura como *conhecimento* que se adquire através da experiência pessoal com o *mundo* e *com o outro*; tudo o que se aprende de um modo ou de outro faz parte do processo de *endoculturação*, através do qual um grupo social aos poucos socializa, em sua cultura, os seus membros, como tipos de sujeitos sociais (BRANDÃO, 2005, p.25).

Pude perceber e pensar, durante a pesquisa, sobre como os espaços não-formais de educação com crianças permitem o encontro com o outro e com aspectos variados do mundo e da cultura de cada qual, compondo parte da formação dos sujeitos que se desenvolvem individual e coletivamente através das trocas no meio social. O tempo de ler e escrever este trabalho me proporcionou adentrar profundamente nesta experiência que me aconteceu há muitos anos atrás e que até hoje me envolve e me remete à aprendizados – mais uma vez, a velha história de uma educação significativa: uma educação que me ficou marcada, e não esquecida.

Como questionamentos finais e importantes da pesquisa, ficam duas indagações principais: os registros dessas instituições não-formais – como o espaço da ONG Sonhar Acordado - e a dicotomia entre o cuidar e o educar: será que nos espaços de educação não-formal o cuidar ganha ênfase e torna-se mais significativo do que o educar? Qual concepção de educação as pessoas que atuam voluntariamente na ONG possuem? É possível pensarmos numa perspectiva de formação para esses espaços? Qual seria?

Problematizar as documentações e as formas de registros dessas instituições não-formais ajudou-me a pensar no quanto as histórias (que são eternizadas se registradas) são importantes e necessárias para entender de que forma estão organizados estes espaços, quem são esses sujeitos e de que forma vivem a infância. Se não há registros, onde fica a história? Parece-me que ela se perde no tempo, ficando apenas guardada dentro da memória de quem a viveu, sem possibilidade de dar visibilidade à mesma para uma pesquisa como esta, por exemplo. A memória, com o tempo, também pode se perder...pode tentar recuperar algo sem encontrar, havendo possibilidade de isto acontecer somente se, dessa história houver registro.

Durante a execução deste trabalho, fiz algumas buscas – como de imagens, por exemplo – da época (em 2014) que participei do Programa Contando Sonhos. Infelizmente, as fotos que gostaria de aqui expor – minha com os voluntários e com as crianças, especialmente a criança pela qual fiquei responsável em ajudar a escrever a história neste programa – não estavam disponíveis na internet. De certa maneira, senti um alívio de, na época, ter impresso essas imagens para que guardasse comigo como lembrança. Porém, para este tipo específico de trabalho (acadêmico), o qual requer um certo rigor no que diz respeito ao comitê de ética, por exemplo, era necessário que elas ainda estivessem disponíveis para que fosse possível o uso das mesmas como ferramenta de linguagem visual que enriqueceria a pesquisa.

Assim como as imagens, o dia-a-dia dos programas – como eram organizadas as atividades, as narrativas das crianças e dos voluntários, os materiais executados pelos mesmos, as histórias e as memórias, também não foram encontrados. O que está disponível para acesso é o que trouxe na pesquisa – o histórico da ONG, a descrição dos programas, o número de sujeitos que atinge dentre outras informações aqui expostas, sem nenhum tipo de subjetividade, o que considero de suma importância e relevância para que a educação não-formal seja vista de maneira tão essencial quanto a educação formal que, diferentemente desta última, têm essa grande preocupação com os registros e formas de eternizar a história dos sujeitos.

Sobre o segundo importante questionamento, a dicotomia entre o cuidar e o educar, penso, em primeiro lugar, na necessidade de entender que o cuidar é constitutivo do educar; a esse respeito, Afonso e Portilho (2010), citam Cerisara (1999) argumentando que não se deve dicotomizar a relação entre o cuidar e o educar, pois é no início da vida da criança – em seus primeiros anos de vida – que o pensamento e a identidade são formados, sendo imprescindível para o desenvolvimento de cada qual esses dois fatores, assim:

A educação da criança pequena envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: educar e cuidar. As crianças desta faixa etária, como sabemos têm necessidades de atenção, carinho, segurança, sem as quais elas dificilmente poderiam sobreviver. Simultaneamente, nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo que as cerca, através das experiências diretas com as pessoas e as coisas deste mundo e com as formas de expressão que nele ocorrem. Esta inserção das crianças no mundo não seria possível sem que atividades voltadas simultaneamente para cuidar e educar estivessem presentes. O que se tem verificado, na prática, é que tanto os cuidados como a educação têm sido entendidos de forma muito estreita (AFONSO E PORTILHO, 2010, *Apud.* BUJES, 2002, p.5).

A escola considera mais importante o educar? Os espaços não-formais de educação levam em conta somente o cuidar? Este cuidar, dentro dos espaços não-formais, é entendido somente como caridade?

A partir desses questionamentos, trago a discussão do cuidar e educar junto da experiência por mim vivida na ONG Sonhar Acordado, espaço de educação não-formal que é responsável por influenciar inúmeros sujeitos, adultos e crianças, no interior de suas vivências e práticas.

Antes de iniciar essa pesquisa e, junto aos meus orientadores, discutir sobre os espaços de educação não-formal, eu não pensava/questionava sobre aspectos como a formação dos voluntários e os temas discutidos para com os mesmos nos momentos denominados “formação”, que acontecem sempre antes das atividades do semestre, as quais possuem um valor como norte. Durante o processo de formação dos voluntários, a qual é norteada pela discussão dos valores, não acontece uma discussão acerca do conceito de criança e infância, por exemplo.

Após as reflexões, discussões, leituras e escrita dessa pesquisa, foi possível chegar à conclusão da importância e necessidade desses conceitos – infância e criança – estarem

presentes nas formações, já que são com esses sujeitos infantis que os voluntários estão lidando nos programas da ONG Sonhar Acordado.

Apesar de ter conhecido inúmeras pessoas da área de educação neste espaço, nem todos os voluntários vieram da mesma área, ou seja, a grande maioria dos voluntários que fazem parte da ONG vieram de distintas áreas do conhecimento, portanto não tendo embasamento teórico e prático sobre os conceitos de infância e criança, o que não os permite, muitas vezes, ir além do cuidar enquanto caridade.

Permito-me dizer que, não descarto e nem desconsidero a importância das ações de caridade para com o outro, pelo contrário, considero genuíno dos seres humanos quererem ajudar e distribuir formas de amor para o seu próximo, sendo esta também uma forma de intervenção no mundo; mas, neste espaço de construção da pesquisa, o qual tenho a possibilidade de distanciamento para novamente adentrar à história que vivi, portanto com um olhar mais crítico, considero os questionamentos importantes para a melhoria das práticas nos espaços de educação não-formal, inclusive na ONG.

Nos espaços de educação não-formal, o cuidar é mais significativo que o educar? Ficaria somente para a escola o papel de educar? Quem são esses voluntários? Quem são essas crianças? Como ir além do cuidado como caridade? A união do cuidar e educar na ONG é possível? Como? Não seria esta uma maneira mais integral de desenvolvimento humano dos indivíduos e de transformação social?

Não tenho a intenção de responder a todas essas questões, e tenho certeza que o trabalho não acaba por aqui. Novos questionamentos virão, eles sempre vêm. O olhar do outro é importante. A voz das crianças é tão importante quanto a voz dos adultos. A construção deste trabalho não é individual, e nada é. Somos coletivos.

Pensar em maneiras de tornar possível a discussão acerca dos conceitos de infância e criança nos espaços de educação não-formal – especialmente da ONG – pode ser um primeiro passo para uma nova perspectiva das formações, mais ricas em conhecimento teórico-metodológico de quem diz respeito às ações, para quem se destina as práticas de atividades em torno de valores sociais. Além disso, o cuidar e educar, discussão já presente em muitas escolas, acompanhado do entendimento do que é criança e do que é infância, torna potente uma mudança que não acontece se não houver estudo, instrução e discussão – uma mudança que expande o olhar sob os espaços de educação não-formal com crianças, considerando estes tão importantes e tão formadores como os espaços formais de educação.

Busca-se, com a escrita deste trabalho, não simplesmente unir conhecimentos de forma a apresentá-los aqui de forma sequencial e lógica, mas realmente tocar o outro que lê com tudo aquilo que me foi tocado durante meu processo de autoformação e que faz sentido se pensado em conjunto com um “modelo” de educação na perspectiva mais ampla e significativa da palavra, a de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, M G Z C e PORTILHO, E M L - **Entre o Cuidar e o Educar na Educação Infantil** - In: Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul - Londrina, 2010. VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul ANPED. Universidade Estadual de Londrina, 2010. v. 1. p. 1-13.

ALEMAGNA, B - **O que é uma criança?** - Tradução de Monica Stahel - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ÂNTONIO, S e TAVARES, K - **Uma pedagogia poética para crianças** - São Paulo: Editora Adonis, 2017.

BARBOSA, M C S - **Tempo e cotidiano – tempos para viver a infância** – Campinas: Leitura: Teoria & Prática, 2013.

BRANDAO, C R - **O que é educação** - São Paulo: Brasiliense, 2005.

CORSARO W A - **Sociologia da infância** - Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIAS, S C - **A emergência da sociologia da infância: rupturas conceituais no campo da sociologia e os paradoxos da infância na contemporaneidade** - São Paulo: Veras, v. 2, n. 1, p. 63-80, 2012.

<http://sonharacordado.org.br/>

Documento PDF – **Manual de Implementação – Programa Contando Sonhos – Toda criança tem algo a dizer. Toda criança merece ser ouvida** - ONG Sonhar Acordado, 2014.

FREIRE, P - **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa** – 48ª ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____ - **Pedagogia da Indignação** – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GIBRAN, K - **O Profeta** - Khalil Gibran; tradução Alda Porto – São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção a obra-prima de cada autor; 165)

HARDT, L S - **Entre as Manobras da Mão e do Espírito: o assombro da formação humana** -Porto Alegre: Editora Educação & Realidade, 2013.

_____, MOURA, R e BARBOSA, H - **As várias faces estéticas na formação humana: o fecundo universo da filosofia da educação**- Porto Alegre: Editora Educação & Realidade, 2013.

ISKANDAR, J – **Normas da ABNT – Comentadas para Trabalhos científicos**- São Paulo: Juruá Editora, 2012.

LARROSA, J - **A Operação Ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida** - Porto Alegre: Editora Educação & Realidade, 2004.

____ **Notas sobre a experiência e o saber da experiência** – ANPED: Revista Brasileira de Educação, 2002.

LIMA, P M - **Infância(s), Alteridade e Norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais**. Currículo sem Fronteiras, v.15, n.1, p.94-106, jan/abr.2015.

MAGALHÃES, M e BARBOSA, A - **A Concepção de Infância na Visão de Philippe Aries e sua Relação com as Políticas Públicas para a Infância** -Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais, 2013.

MARTINS, G T - **A morte no processo de formação humana para a vida** - Dissertação de Mestrado de Gustavo Tanus Martins; orientadora, Lúcia Schneider Hardt; Coorientadora, Rosana Silva de Moura. Florianópolis/ SC, 2014.

MENDES, R, PEZZATO, L M e SACARDO, D P - **Pesquisa-intervenção em promoção da saúde; desafios metodológicos de pesquisar "com"**- São Paulo: Ciência & Saúde Coletiva. 2016; 21 (6): 1737-1745

MINAYO, M C S - **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa** - 14 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

PINTO, M e SARMENTO, M - **As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo** – Braga:Universidade do Minho, 1997.

POPE, C e MAYS, N - **Pesquisa Qualitativa na Atenção à Saúde** - 2 ed

Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

PRÉVER, J - **Dia de Folga** -seleção e ilustrações de Wim Hofman; tradução de Carlito Azevedo – São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

RICHTER, S R S e BARBOSA, M C S - Direitos **das crianças como estratégia para pensar a educação das crianças pequenas**. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, v. 34, 2014.

RIVERO, A - **A brincadeira das crianças na formação de professoras de educação infantil Zero-a-Seis** – Portal de Periódicos da UFSC. v. 13, n. 23, p. 19-32, 2011.

SARMENTO, M J - **Imaginário e culturas da infância** - Pelotas: Cad. Educ. Fae/UFPeI, (21):51-59, jul./dez. 2003.

SAURA, S - **O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante** – Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v.28, n.1, p.163-175, 2014.

SEVERINO, A J - **Metodologia do Trabalho Científico** - Perdizes/ SP: Cortez Editora, 2015.

STAKE, R E - **Pesquisa Qualitativa - estudando como as coisas funcionam** - Porto Alegre: Artmed Editora SA, 2011.

